

# Quem acredita na *tabula rasa*?

**Q**uem acredita na *tabula rasa*? Quem crê nos fatores genéticos? Quem considera ambas as possibilidades para preparar aulas, planejar o modo de absorver a frustração e o desgaste gerados pelas respostas obtidas de diferentes alunos? Longe de apaziguar os radicais de plantão (sobretudo os seguidores da mente límpida inicial) e relativizar a questão e, do modo mais fácil, atenuar esse duro embate secular, é fundamental que se conheça profundamente cada lado da moeda que não apenas divide os profissionais da educação, mas também cria conflito na esfera pessoal, na intimidade que tenta refletir a respeito do que se sabe do assunto e do que se observa na prática docente (e no lar!).

Não adianta alegar que o meio-termo é a tábua salvadora, pois se comprovou que ora a genética se impõe, altiva, a exemplo de características determinantes (dos pais e de ancestrais) observáveis já na infância, e de outras, com o decorrer do tempo, ora o ambiente bate o pé e dá as cartas no jogo evolutivo. É preciso não esquecer, porém, que ambos conspiram para uma finalidade: a melhor adaptação da espécie. Como bem expressou Steven Pinker, “Os genes que constroem um fêmur não podem especificar a forma exata da cabeça no topo do osso, pois ela tem de articular-se com o acetábulo no quadril, que é moldado por outros genes, pela nutrição, idade e acaso. Assim, a cabeça e o acetábulo ajustam sua forma conforme fazem a rotação um contra o outro quando o bebê esperneia no útero.” Ao reconhecer que é preciso levar em conta tanto um quanto o outro, é crucial compreender também o que se conquistou por meio da pesquisa e o imenso cosmos do saber a ser explorado pela dimensão e complexidade presentes.

Se o professor tende para a *tabula rasa*, como é possível diagnosticar aspectos da genética que lhe fogem ao entendimento? Que tipo de intervenção pode ser desenvolvido se o quebra-cabeça assume a configuração do todo apenas com algumas peças? Por que não ponderar? Autoengano? A informação é o X da questão, e se ela falta ou é insuficiente, deficiências ganham terreno na educação. Além do conhecimento técnico, torna-se premente saber as bases que estimulam, desestimulam, facilitam, dificultam, fortalecem, enfraquecem, calcadas no ambiente e na genética. Quem deseja desconsiderar um lado e seguir sem rever o tema? Que aridez o aguarda na estrada das relações humanas e do cumprimento da tarefa de estimular o aprendizado e a superação própria? Quem acredita na *tabula rasa*? Quem pretende arregaçar as mangas e investir no estudo da natureza humana e da sua parceria com a criação? ■



**Armando Correa de S. Neto**  
Psicólogo, professor e  
mestre em Liderança  
[selfcursos@uol.com.br](mailto:selfcursos@uol.com.br)